

1. Monólogo

Nunca fui uma boa historiadora, por isso escolhi estudar autobiografia. Tema marginal nessa área em que se deu minha formação inicial, os estudos autobiográficos estavam ali na interseção entre Comunicação e Literatura, e tinham valor muito pouco reconhecido na História. O preconceito maior da ciência que vive do passado em relação ao gênero é, paradoxalmente, o valor que ele teve até o século XIX, o de estar associado à exaltação de grandes figuras públicas. Pois bem, não apenas resolvi estudá-lo, como meu trabalho de final de curso foi sobre a autobiografia no cinema, pelas lentes de François Truffaut. Reuni num mesmo espaço a Comunicação e a Literatura, fixando meu lugar duplamente à margem.

Estudar autobiografia me permitia dar um rosto, um toque, um caráter sensível àquela distância toda. Para Paul de Man, o estudo da autobiografia fica entre o movimento duplo da necessidade de escapar da topologia do sujeito e a igualmente inevitável reinscrição desta necessidade em um modelo especular de cognição. Talvez eu precisasse reconhecer-me de alguma forma em meu objeto para poder interessar-me por ele, personalizá-lo, torná-lo meu semelhante, amigo e cúmplice. Pois não se divide a cama com qualquer um, com quem não se cria algum tipo de identificação, e a leitura sempre me havia sido, desde a infância, a companheira das noites, a interlocutora fiel de quando estavam todas as luzes desligadas e apenas se ouvia da janela o barulho do mar.

Não que minhas leituras fossem as mais nobres e estivessem elencadas entre os grandes cânones da literatura mundial. Algumas podiam até estar, mas o que realmente importava é que elas me tocavam e faziam pensar. E só assim, pensando, era capaz de fazer associações com o mundo real e me interessar sobre as coisas do dia-a-dia. Foram as biografias de Augusto, Cleópatra e Marco Antonio, ao lado dos mitos gregos sobre os quais versejava meu avô em sua

poesia hermética para mim à época, que me fizeram apaixonar-me pela Antiguidade e querer estudar História. Foram Guinevere, Morgana e Morgause que dispersaram as brumas em torno dos mistérios da Idade Média e as traições dos Reis Malditos que me fizeram vidrar em toda a história em torno da Revolução Francesa. Precisava sentir para compreender aquilo tudo, vestir veludo na Ouvidor do início do século, cavalgar no Vale do Paraíba para ver as plantações de café, do contrário tudo não passava de simples informação. E não há nada tão inútil em si só do que informação. É aquilo que se lê todos os dias nas páginas do jornal, durante o trânsito ou no metrô, apenas para esquecer na próxima virada de página, no próximo contato com outra informação mais interessante.

Nada mais estranho à ciência que se baseia na distância (nem se seja apenas temporal) e no documento, e ainda não conseguiu de todo livrar-se do mito da objetividade do que essa necessidade de aproximação emocional, quase sensorial, com o objeto de estudo. Nunca fui uma boa historiadora.

Mesmo assim a História me deixou alguns vícios. O maior e mais difícil de vencer é o da totalização, logo associado ao da busca de origens. Não à toa, para o estudo sobre o gênero literário que pretende dar unidade ao incontrolável, a vida, mergulhei nas profundezas abissais dos labirintos historiográficos em busca de todas as referências possíveis sobre o tema. Queria remontar toda a história do gênero autobiográfico, desde o primeiro escritor, desde o primeiro teórico. Mas não encontrava na História os caminhos e as referências, e assim migrei para a literatura, tornando-me mais uma vez estranha. De certa forma exilada.

Nessa nova área, porém, a estranheza se revelou potência e meu interesse marginal se revelou popular. Descobri que o gênero autobiográfico goza de uma certa moda nos estudos literários e culturais e que produtos biográficos e autobiográficos vem crescendo de forma acentuada nos últimos 20 anos. Descobri a inocência que representa tentar definir o gênero e que são múltiplas as formas em que aparecem e sobretudo suas possibilidades de leitura. Que pouco importa a validação dos fatos que narra ou sua relação com uma suposta “verdade” e que a traição tem muito mais potência criativa do que a fidelidade.

Parafrazeando o professor Alberto Giordano, que foi meu orientador no período sanduíche que fiz na Universidad de Rosario, na Argentina, há vezes em que:

el movimiento de la narración nos captura con tal fuerza de incertidumbre que nos ocurre imaginar el autor del texto que estamos leyendo como un semejante, como alguien que también responde a un llamado de lo desconocido y que avanza a tientas, experimentando la potencia de los recursos que tuvo que inventar para poder mantener abierta la marcha. (GIORDANO, 2006. Pg. 43)

Foi esse meu encontro com a autobiografia filosófica de Vilém Flusser. Terminada a graduação desisti de tentar o ingresso no mestrado para trabalhar em uma emissora de televisão. Conheci a atividade empresarial de dentro até a exaustão. Ao sentir esvaziarem-se as possibilidades de troca no mundo corporativo, decidi voltar a estudar e conheci a obra de Vilém Flusser pelas mãos de um amigo brasileiro que tinha feito caminho oposto ao do filósofo: havia migrado para a República Tcheca. Guardadas as devidas proporções, reconheci-me no desespero de Flusser na primeira leitura que fiz de sua autobiografia. Encontrei-me sem fundamento e em busca de engajamento. Não apenas engajamento de vida, mas também de estudo. Procurava algo que não se esgotasse na segunda leitura, que continuasse a me motivar reflexões. Não se trata de característica de uma obra em particular, e sim de alguma equação desconhecida que não vem de fora. Parte sobretudo dos afetos, daquela qualquer coisa inexplicável que une as pessoas e um estudioso a seu objeto.

Neste trabalho estão fragmentos das várias leituras que fiz de *Bodenlos*, sem me preocupar com a vastidão de sua obra, mas me atendo quase tão-somente àquilo que a Literatura me permite: o texto. Sem pretensão de totalidade, não procurei dar conta de tudo o que Flusser deixou escrito, tampouco de tudo o que escreveram sobre ele. Não me debruço sobre o Vilém Flusser midiático, teórico dos novos media e da fotografia. Trabalho o Vilém Flusser marginal de escrita marginal: aquele que de uma autobiografia escrita em ensaio, publicada postumamente. E o faço de certa forma marginalmente, ao estudar a obra de um filósofo numa área de literatura.

Isso é possível graças à obra do próprio autor, que transita por entre saberes e estilos e que tem na escrita o ponto de confluência entre pensamento e vida. Precisamente na escrita de ensaios, forma que borra as fronteiras entre literatura e filosofia. Ademais, isso é possível porque não é Vilém Flusser o alvo da minha pesquisa, mas apenas meio que uso para pensar a própria autobiografia.

No texto *Del ensayo*, Alberto Giordano comenta o valor do detalhe para o ensaísta: “contra la evidencia de la obra, la de su completud, la de su unidad, el ensayista afirma el valor del detalle.”¹ Partindo de um detalhe, por vezes uma simples palavra, o ensaísta arrasta sua leitura para além do papel, até os limites de sua própria vida, fazendo-a escrita. É assim que, embora não escreva ensaios, parto da citação que uso como epígrafe para o primeiro capítulo desse trabalho, para a leitura que dou à autobiografia filosófica de Flusser. Uma leitura entre as várias possíveis, que não tem pretensão de verdade, mas que se abre a várias interpretações que fogem ao estudo tradicional das escritas de si, em especial da narrativa autobiográfica.

Essa citação, que declara ser sua autobiografia viagem ao passado e busca de futuro, ambos presentes e em movimento dentro do espaço imóvel da folha de papel, vai ao encontro da concepção de memória trabalhada por Jacques Derrida no livro *Memorias para Paul de Man*. O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado à questão da memória como construtora de passado. Flusser abre sua autobiografia com um “Monólogo”, que começa com um “Atestado de falta de fundamento”, o primeiro capítulo. Esta primeira parte termina com a descoberta da língua falada no Brasil, que começa a manipular para articular seus pensamentos. Cria uma espécie de cronologia existencial que só obedece a uma temporalidade por acaso, pois o fio condutor é o caminho que o levou a engajar-se na cultura brasileira. Esse compromisso assumiu duas formas: a escrita e o ensino, ambos como complemento necessário da simples atividade de pensar.

Ainda no primeiro capítulo apresento um pouco da vida de Vilém Flusser e ainda de sua vida-escrita, *Bodenlos*, que não exatamente a representa, mas faz dela sua fonte, de onde bebe para criar algo autônomo. A partir dessa apresentação é possível observar melhor que a construção do passado que opera o autor é

¹ GIORDANO, 2005. p. 238

excludente, como é a memória por definição. Exclui datas, pessoas e inúmeros detalhes pessoais. Inclui textos sobre teoria da comunicação e história da filosofia, além de diálogos com onze pessoas que lhe marcaram a vida, mas exclui sua esposa, grande interlocutora, responsável pela publicação *post-mortem* de seu livro. Revela apenas o necessário para re-velar o que lhe interessa em sua busca de futuro. Pois, nas palavras de Derrida, “la memoria oculta la remembranza (o recordación) tal como el yo si oculta a si mismo.”²

Não há inocência nessa viagem, tampouco nesse ocultamento. Da perda de fundamento inaugurada pela experiência do exílio ao engajamento na escrita; da escolha das onze pessoas com quem trava seus diálogos, todos intelectuais e alguns exilados; da introdução de textos teóricos ao tema de alguns deles e sobretudo ao subtítulo que dá ao livro: “uma autobiografia filosófica”, Flusser parece trabalhar para firmar-se enquanto intelectual. Ele, filósofo sem diploma que não obstante ganhou notoriedade no Brasil e no exterior como professor apaixonado e pensador vigoroso, com livros publicados em várias línguas. Mais do que isso, trabalha no sentido de dar à sua condição supostamente marginal, de exilado, potência criativa, aliando pensamento e filosofia à experiência de vida. Uma filosofia, cabe dizer, que não se vale de sistemas, mas que se propõe ensaística.

O segundo capítulo desta dissertação problematiza a noção de futuro lendo-a como um projeto e, nesse sentido, pensando nas estratégias discursivas que Flusser usa como autofiguração. Opera a construção de uma persona cultural de caráter único e particular.

Se passado e futuro só existem em função no presente da escrita, esta tem uma forma específica: o ensaio. No último capítulo, penso neste tipo de escrita, que Flusser escolhe para realizar seus pensamentos, como ponto de encontro entre filosofia, literatura e vida. O ensaio não visa à elaboração de sistemas nem a demonstração de verdades, é simples escrita que segue se inscrevendo, no corpo e na experiência, para compreender-se e experimentar-se, sem pretensão de chegar a um fim ou dar conta de uma origem. Busca que sempre recomeça e nunca se realiza, como *Bodenlos*, obra que começou a ser escrita na década de 1970 quando Flusser retorna à Europa e que nunca concluiu. Deixou-a aberta, sugerindo a

² DERRIDA, 1989. p. 67

tentação de lê-la como se jamais fosse destinada à conclusão. Único fim possível para uma vida-ensaio.